



PESQUISA SOCIOLINGUÍSTICA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA

Lucas de Souza Machado¹

Patrícia Graciela da Rocha²

Resumo: O presente estudo é uma proposta de sequência didática para o ensino médio, 1º ano, especificamente, integrando a pesquisa sociolinguística e o ensino de língua portuguesa. Insere-se como uma metodologia ativa e tem por objetivo geral promover a percepção e reflexão linguística dos alunos, alinhado às diretrizes da BNCC gerando protagonismo e reflexão linguística no alunado. O aporte teórico baseia-se em Bagno (2007), BRASIL (2018), Labov (2008), entre outros. O percurso metodológico apresentado aos alunos durante a sequência didática consiste em cinco passos: Seleção dos informantes a serem entrevistados pelos alunos; Definição do perfil desses informantes e observação de variáveis linguísticas oriundas das entrevistas; A gravação de entrevistas informais como sugere Tarallo (2003); A transcrição das entrevistas realizada pelos alunos segundo normas adaptadas do projeto NURC/SP e, por fim, a análise dos fenômenos linguísticos identificados. Este tipo de prática pedagógica demonstra que a variação linguística pode ser investigada de várias maneiras, e que os alunos, ao se engajarem nesse processo, tornam-se mais críticos e conscientes da diversidade linguística, reforçando que a integração da pesquisa sociolinguística no ensino de língua portuguesa enriquece a formação dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa e participativa.

Palavras-chave: Sociolinguística. Ensino. Metodologias ativas.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. Pós-graduando (lato sensu) em Gestão Escolar e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, pela FACULESTE (Faculdade do Leste Mineiro - EaD). Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Sociolinguísticas, Decolonialidade e Ensino de Línguas - Coletivo POSLIDEN/UFMS e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagens e Educação - GEPLÉ. Professor de língua portuguesa da SEED/MS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6593276710958567> | Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5573-2004>

² Doutora em Linguística (bolsista CNPq - 2008) pela UFSC. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – FAALC/UFMS. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Sociolinguísticas, Decolonialidade e Ensino de Línguas - Coletivo POSLIDEN - na UFMS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2285085743040936> | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8814-9613>

SOCIOLINGUISTIC RESEARCH AS PEDAGOGICAL PRACTICE: A PROPOSAL FOR TEACHING PORTUGUESE LANGUAGE IN THE CLASSROOM

Abstract: *This study is a proposal for a didactic sequence for secondary schools, specifically the 1st year, integrating sociolinguistic research and Portuguese language teaching. It is part of an active methodology and its general objective is to promote students' linguistic perception and reflection, in line with the BNCC guidelines, generating protagonism and linguistic reflection in students. The theoretical framework is based on Bagno (2007), BRASIL (2018), Labov (2008), among others. The methodological path presented to the students during the didactic sequence consists of five steps: Selection of informants to be interviewed by the students; Definition of the profile of these informants and observation of linguistic variables arising from the interviews; Recording of informal interviews as suggested by Tarallo (2003); Transcription of the interviews carried out by the students according to standards adapted from the NURC/SP project and, finally, analysis of the linguistic phenomena identified. This type of pedagogical practice demonstrates that linguistic variation can be investigated in various ways, and that by engaging in this process, students become more critical and aware of linguistic diversity, reinforcing that integrating sociolinguistic research into Portuguese language teaching enriches students' education, promoting meaningful and participatory learning.*

Keywords: *Sociolinguistics. Teaching. Active methodologies.*

Introdução

Este trabalho é uma proposta de sequência didática, pois, corresponde a um “conjunto de atividades articuladas que são planejadas com a intenção de atingir determinado objetivo didático. Organizada em torno de um conteúdo específico, podendo envolver diferentes componentes curriculares” (Pessoa, 2014, s/p), que poderá ser desenvolvida no ensino médio e que busca aliar a pesquisa Sociolinguística e o ensino de língua portuguesa por meio da metodologia ativa. De antemão, já advertimos que esta proposta pressupõe o uso das novas tecnologias e exige, portanto, o uso de aparelhos tecnológicos na sua aplicação. Não queremos tornar os alunos, ainda na educação básica, sociolinguistas, mas sim que eles percebam a língua e façam reflexões linguísticas acerca desta.

Assim, nossa intenção é propor um estudo acerca dos fenômenos linguísticos que ocorrem durante a fala espontânea dos indivíduos aliando a pesquisa acadêmica e o ensino de língua portuguesa por meio de uma prática protagonista, como sugere a BNCC (Brasil, 2018), comprovando que essa prática é possível dentro do ambiente escolar. Para tanto utilizamos como aparato teórico Bagno (2003/ 2007), Brasil (2018), Labov (2008), Mollica e Braga (2015), entre outros.

Conceitos iniciais

A língua é heterogênea, dinâmica, mutável e passível de variação e mudança. Esse o foco da pesquisa sociolinguística, o fenômeno, a variação, a mudança, a dinamicidade da língua. O sociolinguista, o pesquisador, precisa estar atento para as realizações da língua e seus fenômenos para que, a partir deles, a pesquisa aconteça.

De acordo com Mollica e Braga (2015):

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. [...] A realização de “framengo”, “andano”, “øtá”, “falaø”, “paia” é encontrada no português do Brasil [...]. A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal (Mollica e Braga, 2015 p.10).

A variação linguística pode ocorrer em diferentes situações de realização, apresentando variados fenômenos linguísticos, e é importante se ater a eles, dependendo da proposta, para que a pesquisa seja bem fundamentada e tenha caráter científico. E para compreender esses fenômenos, a seguir, apresentamos algumas reflexões teóricas.

PLURAL REDUNDANTE: Em língua portuguesa as classes variáveis marcam o plural e algumas delas, como o artigo, são determinantes e, desta forma, são marcadores de plural por excelência, por exemplo: “**Os** menino do 6º ano chegou já fazendo barulho” é o artigo quem determina o gênero e o plural. A eliminação de plural é algo bastante comum e não só em língua portuguesa, mas em outras bastante conhecidas. “As duas línguas mais ensinadas nas escolas, o inglês e o francês, têm regras bastante parecidas” (Bago, 2003 p. 52). Veja os dados do quadro a seguir.

Quadro 1 – Plural Redundante

<p>1. My beautiful yellow flower died yesterday. (“Minha bela flor amarela morreu ontem”)</p> <p>1. My beautiful yellow flowers died yesterday. (“Minhas belas flores amarelas morreram ontem”)</p> <p>2. Je veux te donner la belle fleur jaune qui poussait dans mon jardin. (“Quero te dar a bela flor amarela que crescia em meu jardim”)</p> <p>2. Je veux te donner les belles fleurs jaunes qui poussaient dans mon jardin. (“Quero te dar as belas flores amarelas que cresciam em meu jardim”)</p>
--

Fonte: quadro adaptado a partir de Bago (2003 p. 53).

O caso nº 1, em inglês padrão, o plural é marcado em **flowers** apenas, enquanto em português padrão, doravante PP, há cinco marcações. Em francês, caso nº 2, há tantas marcas quanto em PP, porém para aqueles que leem em francês, saberão que essa pronúncia é apenas marcada pelo artigo **les**. Há, portanto, certa comunhão em eliminar o plural redundante.

REDUÇÃO DO DITONGO (MONOTONGAÇÃO): Este fenômeno ocorre em palavras como: *beijo > bejo > beju, queijo > quejo > queju, caixa > caxa, limoeiro > limoero > limoeru, cadeira > cadera, baixa > baxa*.

Os ditongos /ei/ e /ai/ seguidos dos fonemas /r/, /n/, /j/ e /x/ tendem a ser reduzidos, tornando-se vogais simples /e/ e /a/. [...] percebe-se que em *dexei* o ditongo que está na sílaba átona pretônica (a sílaba de menor intensidade pronunciada anteriormente à sílaba de maior intensidade) foi reduzido, mas o mesmo ditongo que está na sílaba tônica (silabada de maior intensidade) final se preservou. De fato, os segmentos fonológicos de sílabas tônicas tendem a ser mais resistentes a mudança. No entanto, o ditongo /ou/ reduz-se a /o/ tanto em sílabas átonas não finais, quanto em sílabas tônicas finais e não finais. Veja: *outro > outro, entrou > entrô*. Se compararmos então o que está acontecendo com o ditongo /ei/ e com o ditongo /ou/, vamos concluir que a regra de redução do ditongo /ou/ se aplica em maiores ambientes do que a regra do ditongo /ei/. Isso é um indicador para nós de que a primeira já está mais avançada no processo de evolução da língua que a segunda (Bortoni-Ricardo, 2004 p. 54, 56).

É interessante que o professor classifique juntamente com os alunos os ditongos: [ai], [ei], [ou], pois poderá coletar um maior número de fenômenos e, talvez, fazer deles três trabalhos investigativos diferentes, pensando na ideia de trabalho em grupo em sala de aula. A teoria tenderá ser a mesma, porém, as variantes e as variáveis serão distintas.

SIMPLIFICAÇÃO DAS CONJUGAÇÕES VERBAIS: Quando tratamos de simplificação de conjugações verbais, nos aludimos à redução do /r/ nas formas verbais de infinitivo como: *desenvolver > desenvolvê, acabar > acaba*. Contudo, o nome, de fato, desse fenômeno é: *redução de infinitivo verbal* que, Bortoni-Ricardo (2004), esclarece que: "em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico: (*sorrir > sorrí*) [...] tende a ser suprimido" (p. 85) e ainda acrescenta a autora: "além dos infinitivos verbais, o /r/ pós-vocálico também tende a ser suprimido nas formas do futuro do subjuntivo (*se eu estiver > se eu estivé*). Nos monossílabos o /r/ pós-vocálicos tende a preservar-se mais: (*mar, dor, par*)" (Bortoni-Ricardo, 2004 p. 85).

Na modalidade padrão do português temos: "Tu amas". Nesse caso, há a eliminação do /s/ de 2ª pessoa do singular: *Tu amas* > *Tu ama*. Na oralidade do português não padrão temos: *Tu* substituído por *você*: *Tu amas* > *Você ama*. E, ainda temos o "a gente ama", substituindo "nós amamos". Em relação à substituição da desinência indicadora de pluralidade no verbo: "elas ama demais eles". E com o advento do "a gente" se tornou comum a redução da desinência plural: o que era "nós amamos", tornou-se "a gente ama" (Bagno, 2007).

Tendo conhecido algumas das reflexões que estudiosos como Bortoni- Ricardo (2004), Bagno (2007) e outros fazem acerca da variação e dos fenômenos linguísticos oriundos de toda língua é importante que o professor e os alunos tenham clareza acerca da sequência didática que será aplicada em sala de aula. Vamos então, a seguir, às etapas da pesquisa que podem ser desenvolvidas na sala de aula na Educação Básica, especificamente, no Ensino Médio conforme a proposta de nosso trabalho.

Percurso metodológico de pesquisa: Descrição da sequência didática

O primeiro passo fundamental é a **seleção dos informantes**, uma vez que são os seus informantes que farão a diferença em sua entrevista. É importante saber que o grau de variação se modifica a depender do domínio social que a língua é utilizada, por exemplo, "no domínio do lar observamos mais variação do que na escola ou igreja" (Bortoni-Ricarno, 2004 p.25). Sendo assim, selecionar o informante é selecionar hipóteses de fenômenos que, obviamente emergirão da fala desses informantes. Os alunos poderão observar em falas de pessoas famosas, em falas de seus próprios pares, enfim, qualquer falante da língua em determinado momento faz uso da espontaneidade que gera fenômenos linguísticos muito interessantes para serem analisados.

Outro passo importante é o **levantamento do perfil do informante e a observação das variáveis linguísticas e não linguísticas**. A fim de aclarar acerca dos termos vejamos o que nos declara Machado (2019):

Variante, podemos entender como sendo as várias maneiras em que um mesmo fenômeno linguístico se realiza. Ex.: *nós* e *a gente*; e Variável é definida como sendo o fenômeno linguístico que se realiza de várias maneiras. Ex.: 1ª pessoa do plural [Nós]. Isto é, as variantes *nós* e *a gente* são frutos da variável de 1ª pessoa do plural [nós]. Uma variante nasce a partir de uma variável, isso resulta em variação condicionada por fatores extra e intralinguísticos (Machado, 2019, p.39).

Fatores extralinguísticos são os fatores sociais e os intralinguísticos são os que estão diretamente relacionados com a língua e a estrutura. Mollica e Braga (2015) fazem uma boa elucidação no tocante a importância de se selecionar as variáveis adequadas.

As variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Por exemplo, sujeitos como escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta (Mollica e Braga, 2015, p. 27).

As autoras pretendem demonstrar que é por conta das variáveis que se relacionam que há o acontecimento ou apagamento de determinadas formas variantes que em seus significados semânticos são equivalentes, isto é, são as variáveis que motivam o acontecimento do fenômeno em variação.

Um exemplo: Um falante brasileiro que vive constantemente em contato com falantes de espanhol, facilmente, vez ou outra, falará palavras em espanhol. E o pesquisador só saberá que aquela palavra em espanhol foi pronunciada espontaneamente na fala do seu informante brasileiro, porque, antes, ao traçar o perfil dele, já sabia que ele convive com falantes de espanhol. Essas escolhas das variáveis feitas anteriormente são elas que responderão à hipótese inicial de pesquisa.

Um terceiro passo a ser realizado pelo aluno-pesquisador, isto é, pelo aluno do ensino médio que estará realizando a pesquisa sociolinguística em sala de aula, é fazer as entrevistas gravadas, evidente que não se espera que ele as faça como um sociolinguista faria necessariamente, mas as entrevistas analisadas precisam ser informais, por exemplo, existem na internet entrevistas feitas em programas de tevê com pessoas comuns ou até mesmos famosos em que o entrevistado conta sua própria vida, principalmente nas entrevistas ao vivo que ficam gravadas depois, delas emergem vários fenômenos, sugerimos que o professor faça a seleção de alguns vídeos e leve para a sala, ou ainda o aluno-pesquisador poderá, caso seja interessante, gravar seus informantes. Para Tarallo (2007) a pesquisa sociolinguística precisa “emergir de situações naturais de comunicação linguística [...] o objetivo é que o informante não preste atenção à sua própria maneira de falar” (Tarallo, 2007, p. 21), sendo espontânea e não monitorada, ou seja, os falantes não podem em momento nenhum perceber por que está sendo gravado, pois se corre o risco de o sujeito cuidar a forma como fala e a suas entrevistas não saírem tão naturais ou reais como o almejado.

Sugerimos perguntas como: “Por que escolheu essa profissão?”, “o que você acha sobre a cultura digital”, “fale sobre um sonho, uma conquista, uma meta”, “você poderia me contar um filme, uma série”. Use a imaginação, a ideia é que você extrai a fala real dos informantes.

A próxima etapa, das transcrições, é também muito significativa, é a partir dela que se constitui corpus da pesquisa. Aqui o pesquisador deve transformar a fala em texto escrito e para que isso seja possível, é necessário que sejam seguidas algumas normas e, desta forma, sugerimos para a transcrição grafemática, uma adaptação do projeto NURC/SP realizada pelo professor Dr. Pedro Caruso (UNESP/Assis).

Quadro 4 – Normas para transcrição das entrevistas

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS		
Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	num vortava mai num tinha dinheru () i a genti guentô
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	us mininu tâu aí... um trabaia de motoris otru (trabaia) pur conta
Truncamento de palavras	/	i quanu mesmu era PA nós ca/nóis da us nomi
Entonação enfática	Maiúscula	trabaiei aTÉ casá
Prolongamento de vogais e/ou consoantes	:: ou :::	u donu mesmu era::: isqueci u nomi deli...ah:::achu qui é antonhu
Silabação	- - -	a genti cresceu me-dron-ta-du dus pais
Interrogação	?	pu cê vê comu era u pessoar di antigo pra agora né?
Comentários do transcritor	((minúscula))	((risos))
Comentário que quebra a sequência da exposição do tema	- - -	a genti – nói somu crenti - - a genti si viu i gosto
Sobreposição de vozes ou entrada indevida	[A. pra::: ficá lisinhu B. [a pu chãu ficá.. A. [parei B. pareinhu pa prantá
OBSERVAÇÕES:		
1- Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas.		
2- Números: transcrevem-se por extenso.		
3- Não se usa ponto de exclamação.		
4- Início de frase: usam-se letra minúscula.		
5- Registram-se as pronúncias do /e/ e do /o/ como realmente são pronunciados.		
6- Nada se corrige na transcrição do texto gravado.		

Fonte: Pedro Caruso (UNESP/Assis), adaptações do Projeto NURC/SP

Colocamos um trecho da nossa entrevista piloto para exemplificar uma transcrição realizada com base nessa adaptação do projeto NURC/SP.

Eu achu qui u ensinu a distância é::: deveria teóricamenti sê boum, purquê u ensinu a distância, eli, é::: muintu mais fáciu di::: di aprendê quauquer conteúdu qui passi purque vucê nãum precisa saí da própria casa, é beim simplis, vucê chega im casa si vucê tivé alguma dúvida, num vai ter u professor mais si vucê tivé alguma (MF12)³.

5º PASSO – Compreensão do objeto e as análises

Ressaltamos que esses fenômenos linguísticos foram organizados e sugeridos nesta sequência didática a partir de pesquisas já existentes na área, contudo, vale destacar que nunca é demais pesquisar. A pesquisa é inesgotável. Nunca falamos tudo sobre determinado assunto.

Sugerimos antes de mais nada que o professor aplicador da sequência didática em sala de aula leia a obra “A língua de Eulália: Novela Sociolinguística” de Marcos Bagno (2003), ela servirá como um material teórico de fácil entendimento, e contribuirá para que o professor tenha conhecimentos científicos acerca dos estudos sociolinguísticos sem que se perca em palavras ou termos que exigirão dele conhecimento acadêmico acerca da Sociolinguística. Nossa intenção não é diminuir os professores e nem diminuir a ciência que é a Sociolinguística, contudo, intencionamos que o professor tenha um material de linguagem mais acessível para que ele se embase teoricamente acerca do estudo linguístico para fazer um trabalho inovador em sala de aula. De toda forma, toda a nossa referência bibliográfica é um material extremamente acessível para a compreensão dos fenômenos linguísticos.

Na sala de aula, os alunos poderão, orientados pelo professor, pesquisar esses fenômenos e outros que emergem da língua de diferentes maneiras, entrevistando familiares mais velhos ou ainda pessoas mais velhas residentes no bairro ou em bairros próximos.

Até mesmo pode tentar uma análise com um agrupamento seletivo de entrevistas orais exibidas na televisão, em programas de em que se perceba que o falante entrevistado não está monitorando a sua forma de falar, isto é, ele está falando

³ Esta sigla refere-se à organização dos informantes. M = Masculino; F = Ensino Fundamental; 12 = Faixa Etária. Mas, estes códigos podem e devem ser adaptados a cada pesquisa.

naturalmente, sem cuidados extremos ou com uma polidez rígida na fala, geralmente características de entrevistas ao vivo.

Há inúmeras formas de investigar um fenômeno linguístico, basta que o entrevistado aja naturalmente ao falar. E que o documentador, ou seja, o entrevistador, no caso o aluno, ou grupo de alunos, tenham a clareza de que estão fazendo uma análise das ocorrências de um determinado fenômeno linguístico variável da língua.

Conclusão

A integração da pesquisa sociolinguística variacionista no ensino de língua portuguesa não apenas enriquece a prática pedagógica, mas também fortalece a formação dos alunos como cidadãos críticos, conscientes e respeitosos da diversidade linguística e cultural.

A proposta de ensino de língua portuguesa baseada na pesquisa sociolinguística variacionista apresentada neste estudo representa uma abordagem inovadora e promissora para o ambiente educacional. Ao integrar a investigação dos fenômenos linguísticos que ocorrem durante a fala espontânea dos alunos, essa prática pedagógica não apenas enriquece o processo de ensino e aprendizagem, mas também estimula a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes.

A ênfase na participação dos alunos como protagonistas da investigação linguística é um aspecto fundamental dessa proposta, alinhando-se com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e promovendo uma aprendizagem mais significativa e engajadora. Ao envolver os estudantes no estudo e análise dos fenômenos linguísticos, a abordagem sociolinguística proposta não apenas amplia o repertório linguístico dos alunos, mas também os capacita a compreender e valorizar a diversidade linguística presente em nossa sociedade.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTONI-RICARDO. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília. **BNCC:** MEC, 2018. Disponível em:

http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acessado em: 02 de junho de 2018.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. Marcos Bagno, Maria Marta P. Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Ed. Parábola, 2008 [1972].

MACHADO, Lucas de Souza. **Uso de metaplasmos na fala de alunos do Ensino Médio Regular e Integrado:** uma reflexão sociolinguística acerca da língua /Lucas de Souza Machado. – Campo Grande, MS: UEMS, 2021. 115p. Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2021. Disponível em: <https://www.uems.br/ppg/ppgletras/Banco-de-Dissertacoes> Acessado em: 04 de março de 2024.

MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2015.

PESSOA, Ana Claudia Gonçalves. **Sequência didática.** Dicionário CEALE – Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/> - Acessado em 02 de outubro de 2023.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2003.